

Discursos sobre a inclusão escolar de alunos com TEA: uma revisão sistemática da literatura

Discourse on the inclusion of students with ASD in schools: a systematic literature review

David Bastos
Ana Claudia Balieiro Lodi
Universidade de São Paulo
Ribeirão Preto-Brasil

Resumo

Este artigo objetivou compreender os discursos sobre a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na literatura acadêmica, por meio de uma revisão sistemática da literatura. Observou-se um aumento das pesquisas desde 2016, destacando-se discussões sobre a sala de aula e a visão dos professores a respeito da educação inclusiva e do TEA. Poucos estudos abordaram a participação familiar nos processos educacionais. Notou-se a ausência de pesquisas que investiguem a percepção dos próprios alunos com TEA, bem como estudos que articulem gênero, sexualidade ou questões étnico-raciais à educação. Isso sugere que esse transtorno ainda é visto, majoritariamente, sob a ótica dos profissionais, em detrimento das singularidades dos alunos. Conclui-se que há a necessidade de novos estudos que ampliem essas discussões e as integrem a outras áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Revisão sistemática da literatura; Transtorno do Espectro Autista.

Abstract

This study analyzed the discourse on the school inclusion of students with autism spectrum disorder (ASD) in the academic literature based on several thematic perspectives. A systematic literature review was conducted. Research has increased since 2016, focusing on classroom discussions and teachers' views on inclusive education and ASD. Few studies addressed family participation. Notably, no research has investigated the perspectives of students living with ASD or explored gender, sexuality, or ethnic-racial issues in connection with education. This suggests that ASD is still predominantly viewed based on the perspective of professionals, often overlooking students' individuality. This study concludes that further research is needed to expand these discussions and integrate them with other fields of knowledge.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Inclusive education; Systematic review of the literature.

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi apresentado à comunidade científica, pela primeira vez, em 1943, pelo médico psiquiatra Leo Kanner (1966), ao observar e descrever as dificuldades no estabelecimento de relações sociais de oito crianças enquanto se desenvolviam. Tais comportamentos determinaram que, por muito tempo, crianças com TEA fossem vistas como esquizofrênicas e, assim como em outros transtornos mentais, classificadas como “doentes” e/ou “anormais” (Cândido *et al.*, 2012). Diante disso, diferentes propostas de tratamento, em uma perspectiva farmacológica, foram propostas, visando, com elas, o controle de sintomas como ansiedade, hiperatividade e redução de estereotípias, assim como abordagens terapêuticas voltadas ao desenvolvimento das habilidades comunicativas e sociais das crianças, a fim de buscar reduzir os comportamentos que dificultavam a adaptação social delas (Nikolov; Jonker; Scahill, 2006).

Tais tratamentos foram e são motivos de controvérsias e ainda figuram como pauta de debates em nossa sociedade. De um lado, os ativistas autistas do movimento da neurodiversidade argumentam que os tratamentos devem ser rejeitados, considerando que eles têm como objetivo suprimir a maneira de existir das pessoas com TEA e, portanto, sua diferença. “Para eles, o autismo (...) [é] uma parte constitutiva do que eles são” (Ortega, 2009, p. 72). De outro lado, pais questionam tais posicionamentos, na medida em que tratamentos podem atenuar a frustração e a insegurança no lidar cotidianamente com a criança e/ou jovem autista; argumentam que o discurso dos ativistas autistas não representa todos os autistas e fornece razões para que terapias deixem de ser oferecidas e/ou financiadas às crianças que delas necessitam (Ortega, 2009).

No que se refere à educação, Nunes, Azevedo e Schmidt (2013) reconhecem a importância de diagnósticos e intervenções precoces em crianças com TEA, dada sua tendência ao isolamento e, assim, a necessidade de proporcionar a elas experiências sociais desde a mais tenra idade, e compreendem que o ambiente escolar, se acolhedor à criança, pode enriquecer e potencializar tais relações, por oportunizar a interação entre alunos e entre alunos e professores, contribuindo para o desenvolvimento social das crianças, seja no que diz respeito ao comportamento, seja nas diferentes aprendizagens que são construídas nesse espaço.

No contexto brasileiro, as primeiras manifestações a respeito da educação inclusiva, em uma perspectiva favorável ao tema, ocorreram em pequenos grupos isolados, inseridos

em um contexto no qual nem todos tinham acesso à escolarização (Octavio *et al.*, 2019). Contudo, reconhece-se que, com o passar do tempo, a partir do investimento do Estado na implementação de políticas públicas educacionais que visavam assegurar a participação dessas pessoas na sociedade, e com o apoio de movimentos sociais envolvendo pessoas com TEA e/ou com deficiência e seus familiares (Hattge; Klaus, 2014), a concepção de inclusão em circulação social se alterou. No entanto, os mesmos autores chamam a atenção ao fato de os discursos envolvendo a inclusão social de estudantes com TEA, muitas vezes, negligenciarem a ideia de construção do conhecimento em prol da socialização do sujeito, como se a frequência do aluno diariamente na sala de aula, convivendo com os demais alunos e professores, validasse sua presença naquele espaço. Esquece-se, dessa forma, que o aluno com TEA, assim como todos os seus colegas, está na escola para aprender.

Rodrigues e Angelucci (2018) tensionam ainda a forma pouco problematizadora como a inclusão tem sido tratada nos documentos oficiais e seus reflexos nos discursos em circulação nos espaços educacionais, que tendem a manter a Educação Especial, assim como no passado, sob uma perspectiva de reabilitação em saúde. Para esses autores, tal compreensão acaba por levar os professores da educação básica a sentirem necessidade de um conhecimento biomédico para lidar com esses alunos, tornando o processo escolar próximo ao da clínica da normalização. Para Angelucci (2014), ainda hoje se convive com o fetiche do conserto das mentes e dos corpos de pessoas com deficiência e neurodivergentes, tornando as diferenças de seus corpos e suas funcionalidades em patologias. Nesse contexto, o processo de inclusão educacional precisa ser mais bem discutido, como forma de assegurar a esses estudantes o direito à educação.

Apesar da problemática abordada por diferentes estudos, o fato é que os números de alunos diagnosticados com TEA nas salas de aula vêm aumentando com o passar dos anos, como pode ser observado nos dados do Censo Escolar do Ministério da Educação: em 2006, havia 2.204 alunos diagnosticados com TEA inseridos no ensino regular; em 2012, esse número aumentou para 25.624; e, em 2018, dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inepi) mostraram que 105.842 alunos com esse diagnóstico foram matriculados no sistema educacional brasileira (INEP, 2018). Reconhece-se que os aumentos no número de matrículas foram ocasionados por distintas ações governamentais voltadas ao alunado da Educação Especial, como a publicação da *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva* (Brasil, 2008), que desde então tem causado

impactos positivos em diversos serviços e setores voltados para estudantes com deficiência (Nunes; Azevedo; Schmidt, 2013).

No que diz respeito especificamente às pessoas com TEA, destaca-se também a *Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista*, Lei 12.764/12 (Brasil, 2012), conhecida como Lei Berenice Piana. A aprovação dessa Lei, fruto do ativismo político de diferentes grupos, mas principalmente de familiares de pessoas com TEA por todo o Brasil, simbolizou uma vitória em termos de reconhecimento dos direitos dos autistas, bem como concretizou a aliança desses familiares com outros movimentos de caráter político, como o de pessoas com deficiência, que reivindicam seu reconhecimento como seres autônomos, livres, com capacidade de tomar decisões nas diferentes esferas sociais em que estão inseridos (Rios, 2017).

Nesse sentido, pode-se dizer que, apesar das vitórias conquistadas, base para que seja possível se discutir a inclusão de pessoas com TEA em diferentes esferas sociais nos dias de hoje, mas em especial nos espaços escolares, ainda é de suma importância que a sociedade siga debatendo esse assunto, pois

[...] Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. [...] a palavra será o *indicador* mais sensível das *mudanças sociais*, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados. A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma forma ideológica acabada. A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que sejam (Volóchinov, 2017, p. 106, grifo do autor).

Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo desvelar as principais temáticas e apresentar as discussões realizadas na literatura acadêmica sobre a inclusão escolar de alunos com TEA na educação básica brasileira.

Metodologia

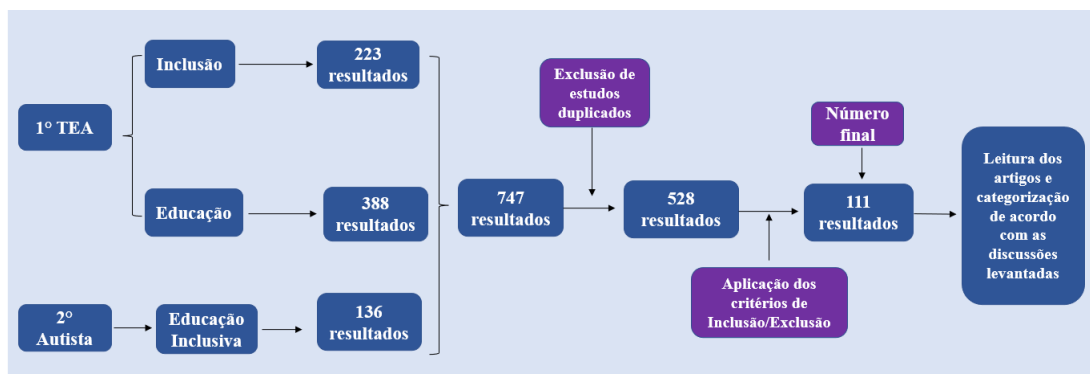
Para o desenvolvimento desta pesquisa bibliográfica (Gil, 1999), de cunho qualitativo (Gunther, 2006) foi realizada Revisão Sistemática da Literatura de acordo com as diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA)ⁱⁱ. O protocolo desenvolvido para esta pesquisa foi o seguinte:

- *Pergunta norteadora:* Considerando o crescente número de estudantes com TEA matriculados nas escolas brasileiras, quais as principais temáticas que perpassam as discussões referentes à inclusão escolar do aluno com TEA?
- *Levantamento bibliográfico:* elegeu-se a plataforma de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), dada a grande quantidade de materiais nela disponíveis com textos que podem ser acessados na íntegra.
- *Strings de busca:* “TEA x Inclusão”, “Autista x Educação inclusiva”, “TEA x Educação”.
- *Crítérios de inclusão:* a) estudos na área da Educação, em contexto da Educação Básica, com temáticas relacionados à inclusão escolar de alunos com TEA em escolas comuns; b) artigos científicos escritos em português; e c) pesquisas publicadas entre o período de janeiro de 2013, considerando a promulgação da Lei 12.764, em 27 de dezembro de 2012, e agosto de 2022, mês que antecedeu a construção da Revisão.
- *Crítérios de exclusão:* a) estudos publicados na forma de teses ou dissertações, de anais de eventos, de livro ou de capítulos de livro; b) artigos escritos em língua estrangeira; c) artigos que – i) discutiam questões da área da saúde ou de áreas distintas à da educação; ii) que tinham como foco o contexto histórico e de políticas públicas; iii) que abordavam o tema por meio de análises e relações com filmes; iv) que não tratavam da educação básica de alunos com TEA em escolas comuns; v) que discutiam a temática em espaços não escolares de ensino; e vi) que apareciam de forma duplicada.

Foram encontrados um total de 746 estudos, e, após a aplicação dos critérios de inclusão e de exclusão, obteve-se o número de 111 artigosⁱⁱⁱ. A quantidade de artigos, conforme a combinação das palavras de busca e aplicação dos critérios, pode ser observada na **Figura 1**.

Após a seleção dos artigos, eles foram lidos na íntegra, prática que possibilitou a organização dos estudos em grupos a partir dos principais temas por eles tratados envolvendo a inclusão escolar de alunos com TEA.

Figura 1 – Esquema representativo do processo de busca dos artigos publicações



Fonte: Elaborado pelos autores.

Resultados e Discussão

A partir da seleção dos 111 artigos que compuseram o corpus desta pesquisa, buscou-se desvelar as principais temáticas abordadas sobre a inclusão escolar de alunos com TEA na educação básica brasileira e as discussões que perpassam esse processo, a partir da leitura dos artigos selecionados. No entanto, dada a abrangência e intersecção entre as temáticas, alguns artigos constaram em mais de um grupo.

A divisão proposta envolveu os seguintes grupos e número de artigos:

- *Metodologias*: 47 artigos que apresentavam e discutiam metodologias que favoreciam a participação/aprendizagem/inclusão de alunos com TEA e/ou que discorriam sobre seu impacto na vida desses estudantes;
- *Inclusão*: 40 artigos que discutiam, em sua essência, a inclusão de crianças com TEA mediante ações dos professores, estrutura escolar e atividades em sala de aula;
- *Professores*: 32 artigos que tinham resultados pautados nas opiniões e concepções de professores sobre os alunos com TEA e sobre a inclusão educacional desses estudantes;
- *Alunos*: 25 estudos que abordavam as relações que os estudantes estabeleciam no ambiente escolar e sua relevância para a aprendizagem do ponto de vista dos professores;
- *Pais/Família*: 5 artigos que discutiam a importância da família nos processos educacionais da criança com TEA e/ou as implicações da participação parental no processo de inclusão da criança autista.

Observa-se que o grupo “Metodologia” apresentou o maior número de estudos quando comparado aos outros, havendo um decréscimo no número de artigos referente aos

demais temas, em especial das temáticas envolvendo pais e familiares. Esse número muito inferior de artigos em comparação aos outros pode estar associado a um maior interesse dos acadêmicos em discutir a inclusão educacional do estudante com TEA do ponto de vista unicamente escolar e da perspectiva do professor, em detrimento da participação e das experiências narradas pelos próprios estudantes e de seus familiares.

Metodologias^{iv}

Os artigos incluídos neste grupo discutiram caminhos para se trabalhar com os alunos com TEA em sala de aula, valorizando suas potencialidades, a fim de propiciar sua aprendizagem. Neles foram abordados:

- a) programas e/ou métodos clínicos que poderiam ser aplicados na escola, visando, por seu intermédio, a diminuição do isolamento ou dificuldade de comunicação dos estudantes com TEA, como por exemplo, o “tratamento e educação para crianças autistas e/ou com problemas relacionados à comunicação – TEACCH” (Corrêa, 2016), programas de Comunicação Alternativa (Nunes; Barbosa; Nunes, 2021; Togashi; Walter, 2016);
- b) estratégias para assegurar a participação e a aprendizagem dos alunos com TEA em disciplinas específicas (Fleira; Fernandes, 2019; Fiorini; Manzini, 2021; Souza; Silva, 2019), ou por meio de jogos e brincadeiras (Fam; Reis; Barbosa, 2021; Santana *et al.*, 2016; Silva, 2019; Souza; Ferrete, 2020), ou por intermédio de tecnologias digitais (Gonçalves; Picharillo; Pedrino, 2017);
- c) revisão do espaço e das formas tradicionais de ensino ao se ter um aluno com deficiência ou com TEA nas salas de aula, sendo o Desenho Universal para a Aprendizagem um caminho que pode propiciar tal mudança, por buscar, como princípio, promover o acesso de todos à aprendizagem curricular, considerando, para isso, as especificidades de cada aluno (Borges; Schmidt, 2021; Faria, *et al.*, 2018);
- d) estudos de caso (Aporta; Lacerda, 2018; Teixeira; Ganda, 2019); e
- e) experiências em redes municipais de ensino voltadas, especificamente, à inclusão de alunos com TEA (Garcia, *et al.*, 2020; Vicari; Rahme, 2020; Montel; Souza; Lemos, 2021; Zaupa *et al.*, 2022).

Com exceção dos estudos que descreveram programas e/ou métodos clínicos a serem utilizados na escola para alunos com TEA, os resultados das pesquisas apontaram para a

importância de os professores propiciarem condições diversificadas de aprendizagem e/ou adequarem suas propostas de ensino considerando as especificidades dos estudantes com TEA, sem, necessariamente, proporem atividades distintas para eles. Compreende-se que é por meio do desenvolvimento de práticas pedagógicas que permitam a participação do aluno com TEA nas atividades propostas e de formas contínua de avaliação de seu processo de aprendizagem, que se é possível assegurar a construção e a internalização, pelos alunos, dos conhecimentos trabalhados em sala de aula. É importante se ter em mente que nenhuma criança pode, jamais, ser caracterizada como incapaz; cabe ao professor perceber e acreditar no potencial dos alunos como forma de possibilitar suas aprendizagens. Apenas desse modo, é possível ultrapassar a ideia de acolhimento das diferenças com vistas à participação e à aprendizagem de todos.

Os artigos apontam, ainda, para a importância de a educação especial ser compreendida em sua transversalidade na educação básica e da necessidade de uma formação de professores que lhes permita pensar em práticas variadas e flexíveis que contemplem o coletivo de estudantes que constituem o espaço sala de aula (Borba, 2020).

Inclusão escolar

Os artigos incluídos neste grupo têm como principal objetivo discutir os processos de inclusão educacional de alunos com TEA em sua historicidade e os processos escolares associados às diferentes visões sobre os alunos no decorrer da história (Rodrigues; Angelucci, 2018; Freitas; Gonçalves, 2021) e o quanto as últimas políticas públicas alteraram a realidade, a fim de assegurar a educação escolar aos estudantes com TEA, tanto em relação ao seu acesso, quanto na participação nos processos de aprendizagem, garantindo-se, com isso, seus direitos de cidadania (Martins; Monteiro, 2018; Rinaldo; Sigolo, 2021; Marchiori; França, 2018; Rezende; Souza, 2021; Lima, S. et al., 2021).

Pode-se dizer, com base nos artigos analisados, que a Lei 12.764/2012 tem impactado positivamente as reflexões que se voltam à concretização da inclusão dos alunos com TEA nas escolas comuns, garantindo-lhes os direitos previstos pelas Diretrizes Nacionais de Educação (Silva, 2017), especialmente após os processos educacionais passarem a ser de responsabilidade da educação especial. Destaque foi dado à importância do Atendimento Educacional Especializado em algumas experiências educacionais relatadas (Marques; Giroto, 2016).

No entanto, embora se reconheça os avanços em termos de políticas públicas que asseguram o acesso dos alunos com TEA nas classes comuns, não se pode negar que ainda há um longo caminho para a construção de uma escola que se pode dizer realmente inclusiva (Weizenmann *et al.*, 2021). Observa-se, no cotidiano escolar, que ainda há professores que resistem a aceitar os alunos com TEA, argumentando que sua presença interfere no cotidiano das salas de aula e da escola, sem haver um espaço comum para reflexão e revisão das propostas pedagógicas (Lima; Santos; Monteiro, 2021), fato que remete à formação inicial e continuada de professores que pouco discute temáticas relacionadas à educação inclusiva e à educação especial (Luz; Gomes; Lira, 2017; Santos Junior; Santos; Gomes, 2021).

De forma contrária, algumas pesquisas descreveram experiências positivas relativas à inclusão de alunos com TEA nas escolas comuns e apontaram a potência dessa educação para a transformação dos estereótipos que historicamente constituem as pessoas com TEA (Novaes; Freitas, 2019), assim como para a revisão do mito de que esses estudantes só aprendem se o trabalho pedagógico for realizado de forma individualizada (Monteiro; Bragin, 2016). Nesse contexto, destaca-se a pesquisa de Camargo e Bosa (2012), na qual as autoras ressaltam a importância das interações sociais tanto para os alunos com TEA quanto para os estudantes neurotípicos, pois o contato social entre essas crianças favorece a aprendizagem de todos a respeito e a partir das diferenças existentes.

Apesar da garantia legal dos direitos educacionais dos alunos com TEA e das experiências que apontam os aspectos positivos da inclusão escolar desses estudantes tanto para sua aprendizagem quanto para as interações sociais no contexto da escola/sala de aula, a maioria dos trabalhos indicam resultados mais satisfatórios quando há a possibilidade de serem construídas práticas colaborativas, que envolvam o professor, o professor especialista, responsável pelo atendimento educacional especializado, os profissionais de apoio, como o mediador educacional ou pedagógico, além dos demais profissionais da escola (diretores, coordenadores) e da família (Barbosa, 2018; Marques; Giroto, 2016).

Professores

Tendo o professor como foco, os textos deste grupo buscaram conhecer as concepções e opiniões dos professores a respeito dos alunos com TEA e sua inclusão na escola regular, as dificuldades enfrentadas e as estratégias para viabilizar esse processo (Almeida; Mendes; Campos, 2017; Barbosa, 2018; Faria *et al.*, 2018; Fleira; Fernandes, 2021;

Lima; Santos; Monteiro, 2021; Marques; Giroto, 2016; Oliveira-Franco; Rodrigues, 2019; Weizenmann *et al.*, 2021). Observou-se que, embora os alunos com TEA estejam matriculados nas escolas regulares e presentes em sala de aula, eles ainda permanecem excluídos e pouco tem sido feito para alterar essa realidade, na medida em que os professores ainda demonstram resistência à presença dos estudantes com TEA em sala de aula (Adurens; Vieira, 2018; Lima; Santos; Monteiro, 2021). Tal postura pode estar relacionada ao desconhecimento dos aspectos que caracterizam uma criança com TEA (Oliveira-Franco; Rodrigues, 2019), assim como a diversidade que compõe esse grupo de pessoas, fato que pode ser atribuído à frágil formação dos professores sobre a educação especial e sobre os alunos sob sua responsabilidade (Barbosa, 2018).

Embora não se negue a responsabilidade do professor no atendimento das demandas de um aluno com TEA na sala de aula das escolas regulares, ainda despreparadas para recebê-los (Souza; Loureiro, 2020), os desafios para a escolarização dos estudantes com TEA – sua aceitação e aprendizagem – devem considerar diferentes fatores interdependentes, que envolvem: a) o cotidiano da sala de aula, que, por ser composta por um número elevado de alunos, dificulta uma atenção diferenciada dos docentes em relação aos alunos com TEA e/ou que apresentam dificuldades de aprendizagens; b) os professores, que, em sua maioria, pouco exploram novas formas e estratégias de ensino, prática que poderia contribuir para a aprendizagem não apenas dos alunos com TEA; c) a escola, que convive com visões dos profissionais que nela atuam, por vezes, divergentes sobre as potencialidades e dificuldades dos alunos; e d) a própria organização do sistema educacional brasileiro, que, ao desvalorizar socioeconomicamente os professores, contribui para que os docentes, em especial os dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, assumam um número maior de turmas para a composição de sua jornada de trabalho, fato que reduz, significativamente, o tempo de dedicação para a preparação de aulas diferenciadas aos alunos que necessitam (Lima; Santos; Monteiro, 2021).

No entanto, apesar dos inúmeros fatores que interferem nos processos escolares, a inclusão do aluno com TEA nas escolas regulares acaba recaindo no professor, que, se não estiver preparado para trabalhar com alunos com TEA, pode acabar promovendo mais a exclusão do que a inclusão do estudante (Couto *et al.*, 2019). Para isso, o professor precisa refletir criticamente sobre seu papel na estrutura educacional, permitir-se um novo olhar para seus estudantes, a fim de ser possível a construção de uma educação que se volte aos alunos,

e, com isso, sejam obtidos resultados educacionais que vão além do esperado (Ponce; Abrão, 2019).

Em um dos artigos, os autores também refletem sobre a importância de os professores proporem atividades pautadas nas potencialidades de todos os alunos, contribuindo, desse modo, para a construção de um vínculo significativo entre eles. No caso dos alunos com TEA,

A relação professor-aluno constitui o cerne de todo o atendimento, pois dependerá da qualidade dessa relação a chance de retirar esse aluno do isolamento que o caracteriza. Qualquer que seja a programação estabelecida, esta só ganhará dimensão educativa no contexto dessa interação. Quanto mais significativo para a criança for seu professor, maiores serão as chances de este promover novas aprendizagens (Bereohff, 1993 *apud* Pieczarka; Valdivieso, 2021, p. 65).

Além do olhar voltado ao docente presente em muitos textos analisados, também é apontada a necessidade de formação de uma rede que apoie o professor (coordenadores, diretores, demais profissionais da escola e até outros professores), a fim de favorecer positivamente o processo de inclusão no ambiente escolar (Ponce; Abrão, 2019). Destaca-se ainda a importância do contato entre pais e professores como um diferencial para a mudança de olhar do profissional sobre a criança e, conseqüentemente para sua aprendizagem (Adurens; Vieira, 2018).

Aluno

Os artigos incluídos neste grupo tiveram como foco principal os alunos nas suas relações interpessoais no ambiente escolar e sua relevância para a aprendizagem (Agripino-Ramos; Lemos; Salomão, 2019; Bittencourt; Fumes, 2021), do ponto de vista dos professores. Em vista disso, as discussões levantadas neste grupo apontaram para:

- a) As relações que esses estudantes estabeleciam no ambiente escolar, seja com outros alunos (Agripino-Ramos; Lemos; Salomão, 2019), seja com professores e professores auxiliares (Marchiori; França, 2018; Novaes; Freitas, 2019; Teixeira; Ganda, 2019; Balbino *et al.*, 2021); e
- b) As experiências, no contexto inclusivo, vividas por tais alunos em diferentes contextos escolares (Capellini; Shibukawa; Fleira; Fernandes, 2019; Francês; Mesquita, 2021; Vicari; Rahme, 2020).

Nesses estudos, as discussões visaram ressaltar a singularidade de cada aluno, bem como o potencial que eles apresentam. Essas observações colocam em evidência a

importância das relações interpessoais para os processos de aprendizagem dos estudantes e, atrelada a elas, no caso em específico dos alunos com TEA, uma mudança significativa na forma de concebê-los, na medida em que eles deixam de ser olhados pelas dificuldades na interação e comunicação e passam a ser considerados como sujeitos.

Nessa mesma direção aponta as discussões de Cardoso (2019) ao abordar os benefícios das relações estabelecidas com e pelas crianças autistas em sala de aula. A partir de uma experiência de observação da relação de aprendizagem de uma criança autista com uma amiga de turma, com quem essa criança apresentava alto vínculo, foi chamada a atenção para a importância ímpar do professor no planejamento e direcionamento dos processos educacionais dos estudantes, em suas inúmeras possibilidades de desenvolvimento, e para a proposição de atividades que propiciem a construção do conhecimento entre pares, tecendo uma rede de apoio entre os estudantes.

Pais/Família

Por último, colocando os pais/família em evidência, artigos discutem, principalmente, a percepção dos pais e familiares sobre as atividades que acontecem nas escolas, para/com seus filhos autistas (Barbosa; Gallina; Nunes, 2022; Santos, 2017), a relação entre a presença da família e a aprendizagem do aluno com TEA (Belo; Fonseca, 2020), as preocupações, conquistas e perspectivas que algumas mães compartilham a respeito da inclusão dos seus filhos (Cabral; Falcke; Marin, 2021); e, por fim, o cenário do envolvimento parental no desenvolvimento das práticas educativas em conjunto com a escola (Vargas; Schmidt, 2017). Entende-se que a relação família-escola pode transformar o olhar da própria família sobre sua criança, vindo a aceitá-la da forma como ela é, já que muitos pais demoram para reconhecer as potencialidades dos seus filhos. Em contrapartida, segundo os cinco artigos que abordaram a temática e referenciados nesta seção, quando pais e filhos chegam à escola e são acolhidos, o próprio processo de inclusão pode se tornar uma ferramenta para o enfrentamento e quebra dos preconceitos.

No entanto, apesar de ser essencial que os pais de alunos com TEA sejam presentes no contexto educacional, nem todos os familiares são capazes de avaliar o processo inclusivo, por não apresentarem conhecimentos ou vivências a respeito (Santos; Mafra, 2017). Nesse sentido, a escola pode desempenhar um papel importante no rompimento de ideias

socialmente construídas (baseadas na “limitação” do indivíduo), reforçando a importância da relação escola-família.

Conclusões

A partir da análise do conjunto de artigos selecionados para compor o corpus desta pesquisa, foi possível observar que, em relação às temáticas abordadas pelos 111 artigos, a promulgação da Lei nº 12.764/2012 foi de grande relevância para a garantia dos direitos à educação dos alunos com TEA nas escolas.

Como temática principal, destacam-se as discussões envolvendo os caminhos buscados pelos professores para se trabalhar com os alunos com TEA em sala de aula, de modo a valorizar suas potencialidades. Em sequência, estão estudos que visam compreender a opinião dos professores sobre a educação inclusiva, suas fragilidades e potencialidades e as práticas desses profissionais de forma articulada com outros temas, como as relações interpessoais no interior da sala de aula (professor-alunos e alunos-alunos) e no acolhimento e/ou construção de um trabalho em parceria com a família.

Embora as discussões presentes nos estudos destaquem a importância do professor para assegurar a aceitação, a participação e a aprendizagem do estudante com TEA, neles se reconhece também a pouca eficiência da formação inicial e/ou continuada oferecida a esses profissionais, muitas vezes centrada em características que se espera encontrar *a priori* nos alunos (dificuldades na interação e na comunicação), em vez do desenvolvimento de um olhar para as singularidades dos estudantes e suas potencialidades como aprendiz. No entanto, apesar da pertinência dessas observações, os estudos pouco avançam no sentido de um aprofundamento de discussões e/ou de propostas relativas a como promover a formação desejada. Outra crítica realizada refere-se à necessidade da construção de um trabalho conjunto entre o professor da sala de aula e o professor especialista, responsável pelo atendimento educacional especializado; porém, novamente, houve escassos debates sobre como viabilizar tal parceria e/ou relatos de práticas colaborativas envolvendo ambos os profissionais.

Por fim, chamou a atenção na revisão da literatura realizada para este estudo o fato de não terem sido encontradas pesquisas que buscaram ouvir o que os próprios alunos com TEA têm a dizer a respeito de seus processos educacionais, apenas pesquisas que discorrem acerca do aluno com TEA, e de não ter havido nenhum artigo que abordasse questões de

gênero e sexualidade e/ou questões étnico-raciais nas discussões que perpassaram os processos educacionais de alunos autistas. Essas observações sugerem a prevalência de um olhar, tanto por parte dos profissionais quanto dos pesquisadores, ainda muito centrado no “transtorno do espectro autista” em detrimento do aluno e de suas singularidades para além do TEA.

Conclui-se que, além dos aspectos discutidos no corpo deste artigo, há a necessidade de novos estudos sobre as pessoas TEA em seus processos escolares e sociais, de modo a ampliar as discussões que vêm sendo realizadas na área, articulando-as a outros campos do conhecimento. Faz-se necessário ainda o desenvolvimento de discussões mais aprofundadas sobre o tema na esfera acadêmica e nos espaços de formação docente, a fim de ser possível construir um novo discurso sobre as pessoas com TEA, que se distancie daquele historicamente construído sobre eles.

Referências

ADURENS, Fernanda Delai Lucas.; VIEIRA, Camila Mugnai. Concepção de professores sobre a inclusão do aluno com autismo: uma pesquisa bibliográfica. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 94-124, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v18n2p94-124>. Acesso em: 10/03/2025.

AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley.; LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias.; SALOMÃO, Nádia Maria R. Vivências Escolares e Transtorno do Espectro Autista: o que Dizem as Crianças? **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, v. 25, n. 3, p. 453-468, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000300007>. Acesso em: 09/03/2025.

ALMEIDA, Sabrina Araujo de; MENDES, Cristianne Beda de Queiroz; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Práticas educativas e as representações sociais elaboradas por professores sobre alunos com Déficit Intelectual, Dificuldades de Aprendizagem e o Transtorno do Espectro Autista. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [S. l.], v. 14, n. 35, p. 138–168, 2017. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/3205/47965083>. Acesso em: 10/03/2025.

ANGELUCCI, Carla. Biancha. Medicalização das diferenças funcionais – Continuismos nas justificativas de uma educação especial subordinada aos diagnósticos. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 25, n. 1, p. 116-134, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.14572/nuances.v25i1.2745>. Acesso em: 08/03/2025.

APORTA, Ana Paula.; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa De. Estudo de caso sobre atividades desenvolvidas para um aluno com Autismo no Ensino Fundamental I. **Revista Brasileira de**

Educação Especial, v. 24, p. 45-58, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000100005>. Acesso em: 01/03/2025.

BALBINO, Elisa Maria Santos *et al.* O Aluno com Transtorno do Espectro Autista e o mediador escolar: um olhar inclusivo. **Diversitas Journal**, Alagoas, v. 6, n. 1, p. 1593-1605, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v6i1-1663>. Acesso em: 05/03/2025.

BARBOSA, Marily Oliveira. O transtorno do espectro autista em tempos de inclusão escolar: o foco nos profissionais de educação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 61, p. 299-310, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X24248>. Acesso em: 07/03/2025.

BARBOSA, Lucas; GALLINA, Isadora; NUNES, Camila da Cunha. Percepção dos responsáveis por crianças com autismo sobre a importância das aulas de educação física escolar. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, p. e-28800, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.36453/cefe.2022.28800>. Acesso em: 25/02/2025.

BELO, Rafael Alexandre; FONSECA, Thanyere Cavalcante da. A relação entre autismo, família e aprendizagem, em artigos da base de dados Scielo (2003-2019). **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 118-132, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26673/tes.v16i1.13539>. Acesso em: 26/02/2025.

BITTENCOURT, Ivanize Gomes de Souza; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico “Eu não deveria ter saído de lá! Gosto de estudar!”: Os desafios de pessoas com Transtorno do Espectro Autista para escolarização. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 5, p. e12610514681, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i5.14681>. Acesso em: 01/03/2025.

BORBA, Bruna Barros de Os processos de aprendizagem e o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): do segundo ao terceiro ano do ensino fundamental. **Cadernos do Aplicação**, v. 33, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2595-4377.98853>. Acesso em: 10/03/2025.

BORGES, Adriana Araújo Pereira; SCHMIDT, Carlo. Desenho Universal para Aprendizagem: uma abordagem para alunos com autismo em sala de aula. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 66, p. 27-39, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/teias.2021.57044>. Acesso em: 11/03/2025.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SEESP, FAM. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2012. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 27 fev. 2025.

CABRAL, Cristiane Soares.; FALCKE, Denise; MARIN, Angela Helena. Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, v. 27, p. 493-508, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0156>. Acesso em: 02/03/2025.

CAMARGO, Sígilia Pimentel Höer.; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 28, n. 3, p. 315-324, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000300007>. Acesso em: 01/03/2025.

CÂNDIDO, Maria Rosilene et al. Conceitos e preconceitos sobre transtornos mentais: um debate necessário. **SMAD**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 110-117, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v8i3p110-117>. Acesso em: 08/03/2025.

CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; SHIBUKAWA, Priscila Hikaru Shibukawa; RINALDO, Simone Catarina de Oliveira. Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com transtorno do espectro autista. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 13, n. 2, p. 87-94, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5747/ch.2016.v13.n2.h256>. Acesso em: 04/03/2025.

CARDOSO, Lorena Tamillys Silva. A afetividade na relação professor e aluno com TEA na educação infantil. **Revista Caparaó**, [s. l.], v.1, n2, p. e9, 2019. Disponível em: <https://sites.google.com/view/revistacaparao/vol-1-no-2-2019>. Acesso em: 14 nov.2024.

CORRÊA, Júlio Cesar da Silva. Autismo: TEACCH como ferramenta metodológica e de recurso de ensino e aprendizagem na unidade municipal de apoio à autistas de Marituba-PA. **Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad**, v. 2, n. 3, p. 27-40, 2016. Disponível em: <https://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/riai/article/view/4215>. Acesso em: 15/01/2025.

COUTO, Cirleine Costa et al. Experiências de professores com o autismo: impacto no diagnóstico precoce e na inclusão escolar. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, n. 21, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v21.55954>. Acesso em: 10/02/2025.

FAM, Antônio Eustáquio de Oliveira; REIS, Sérgio Pereira dos; BARBOSA, Rosemary Pereira Costa e. O brincar no espaço escolar como estratégia de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 6, p. e49010615912, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15912>. Acesso em: 12/02/2025.

FARIA, Karla Tomaz et al. Atitudes e práticas pedagógicas de inclusão para o aluno com autismo. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 61, p. 353-370, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X28701>. Acesso em: 03/02/2025.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Estratégias para a participação de alunos com transtorno do espectro autista em aulas de educação física. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 66, p. 124-137, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/teias.2021.56939>. Acesso em: 22/02/2025.

FLEIRA, Roberta Caetano; FERNANDES, Solange H. A. Ali. Ensinando Seus Pares: a inclusão de um aluno autista nas aulas de Matemática. **BOLEMA**, Rio Claro, v. 33, n. 64, p. 811-831, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v33n64a18>. Acesso em: 13/01/2025.

FLEIRA, Roberta Caetano; FERNANDES, Solange Hassan Ahmad Ali. As vozes daqueles envolvidos na inclusão de aprendizes autistas nas aulas de Matemática. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 27, p. e21070, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320210070>. Acesso em: 13/01/2025.

FRANCÊS, Lyanny Araujo; MESQUITA, Amélia Maria Araújo. As experiências nos espaços-tempos da escola sob o olhar de uma criança com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 26, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260026>. Acesso em: 10/02/2025.

FREITAS, Marcos Cezar de; GONÇALVES, Raelen Brandino Crianças diagnosticadas com TEA na escola pública: novos desafios, velhas dicotomias. **Horizontes**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. e021018, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v39i1.1107>. Acesso em: 15/01/2025.

GARCIA, Dorcely Isabel Bellanda et al. A estruturação do trabalho escolar ao aluno autista na escola de modalidade de educação especial: um estudo de caso no Norte do Paraná. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e7899109103-e7899109103, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9103>. Acesso em: 22/01/2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

GONÇALVES, Adriana Garcia; PICHARILLO, Alessandra Daniele M.; PEDRINO, Mariana Cristina. Uso de objeto educacional digital na perspectiva da educação especial: relato de uma prática pedagógica. **Política e Gestão Educacional**, Araraquara, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22633/rpge.v21n.esp3.2017.10051>. Acesso em: 26/12/2024.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-209, maio 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>. Acesso em: 26/01/2025.

HATTGE, Morgana Domênica; KLAUS, Viviane. A importância da pedagogia nos processos inclusivos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 27, n. 49, p. 327-339, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X7641>. Acesso em: 24/01/2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar**, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 09 abr. 2025.

KANNER, Leo. **Psiquiatria infantil**. Buenos Aires: Editorial Psique, 1966.

LIMA, Samara de Oliveira et al. Práticas pedagógicas: contribuindo para a formação do aluno com transtorno do espectro autista (TEA). **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 14, p. e119101413618, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i14.13618>. Acesso em: 20/02/2025.

LIMA, Yago Melo de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos; MONTEIRO, Rejane de Assis Oliveira. Entre a inclusão e a exclusão: reflexões de professores sobre educandos com autismo em escola pública. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 14, n. 33, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v14i33.14098>. Acesso em: 15/01/2025.

LUZ, Mariana Helena S. D.; GOMES, Candido Alberto; LIRA, Adriana. Narrativas sobre a inclusão de uma criança autista: desafios à prática docente. **Educación**, Lima, v. 26, n. 50, p. 123-142, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.18800/educacion.201701.007>. Acesso em: 14/02/2025.

MARQUES, Jacqueline Belga; GIROTO, Claudia Regina Mosca. Trabalho docente com alunos público-alvo da educação especial na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. esp.2, p. 895-910, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v11.esp2.p895-910>. Acesso em: 08/02/2025.

MARTINS, Alessandra Dilair Formagio; MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. Interações de alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola. **Comunicações**, Piracicaba, v. 25, n. 3, 2018. <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v25n3p271-291>. Acesso em: 09/01/2025.

MARCHIORI, Alexandre Freitas; FRANÇA, Carla de Almeida Aguiar. Práticas e articulações pedagógicas na educação infantil: contribuições ao processo de desenvolvimento de uma criança com autismo. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 20, n. 38, p. 488-513, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2018v20n38p488>. Acesso em: 18/01/2025.

MONTEIRO, Maria Inês Bacellar; BRAGIN, Josiane Maria Bonatto. Práticas pedagógicas com autistas: ampliando possibilidades. **Journal of Research in Special Educational Needs**, Oxford, v. 16, n. S1, p. 884-888, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1471-3802.12346>. Acesso em: 22/01/2025.

MONTEL, Lays Monezi; SOUZA, Rita Rodrigues de; LEMOS, Laíssa Silva. Ações e estratégias de inclusão no plano municipal de educação de Jataí-Go: foco no transtorno do espectro autista. **Revista Inter-Ação**, v. 46, n. 1, p. 17-33, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v45i3.64965>. Acesso em: 11/01/2025.

NIKOLOV, Romen; JONKER, Jacob; SCAHILL, Lawrence. Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 28, p. s39-s46, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500006>. Acesso em: 13/02/2025.

NOVAES, Daniel; FREITAS, Ana Paula de. Sentidos construídos na dinâmica dialógica entre um aluno com transtorno do espectro autista e seu professor. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 32, p. e65/1-16, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X34596>. Acesso em: 10/12/2024.

NUNES, Débora Regina de Paula; AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico de; SCHMIDT, Carlo. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 557-572, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X10178>. Acesso em: 15/12/2024.

NUNES, Débora Regina P.; BARBOSA, João Paulo da Silva; NUNES, Leila Regina de Paula. Comunicação alternativa para alunos com autismo na Escola: uma Revisão da Literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, v. 27, e0212, p.655-672, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0212>. Acesso em: 12/12/2024.

OCTAVIO, Ana Julia Moraes et al. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na educação infantil. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i1.635>. Acesso em: 10/12/2024.

OLIVEIRA-FRANCO, Carine Ramos de; RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. Conhecimento dos profissionais de educação infantil sobre o transtorno do espectro autista. **Educação: teoria e prática**, Rio Claro, v. 29, n. 61, p. 494-512, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.vol29.n61.p494-512>. Acesso em: 22/12/2024.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, n.1, p.67-77, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100012>. Acesso em: 13/12/2024.

PIECZARKA, Thiciane; VALDIVIESO, Tiago Veiga. Vínculo afetivo, aprendizagem e autismo: reflexões sobre a relação professor-aluno. **Revista Cógno**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 59-77, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.53546/2674-5593.cog.2021.52>. Acesso em: 12/01/2025.

PONCE, Joice Otávio; ABRÃO, Jorge Luis Ferreira. Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 342-357, 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p342-357>. Acesso em: 10/01/2025.

REZENDE, Laila Francielly; SOUZA, Calixto Junior de. O trabalho pedagógico e a inclusão escolar para crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA). **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 13, p. e460101321486, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21486>. Acesso em: 20/02/2025.

RINALDO, Simone Catarina de Oliveira; SIGOLO, Silvia Regina Ricco Lucato. Educação infantil e crianças com transtorno do espectro autista: uma proposta inclusiva em construção. **Debates em Educação**, v. 13, n. 32, p. 219-241, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13n32p219-241>. Acesso em: 13/01/2025.

RIOS, Clarice. “Nada sobre nós, sem nós”? O corpo na construção do autista como sujeito social e político. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 212-230, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.25.11.a>. Acesso em: 18/12/2024.

RODRIGUES, Isabel de Barros; ANGELUCCI, Carla Biancha. Estado da arte da produção sobre escolarização de crianças diagnosticadas com TEA. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 22, p. 545-555, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018033904>. Acesso em: 19/12/2024.

SANTANA, Maria Luiza da Silva et al. O brincar como elemento de inclusão de crianças caracterizadas com transtornos do espectro autista. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 7, n. 19, p. 48-65, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.26514/inter.v7i19.1061>. Acesso em: 16/01/2024.

SANTOS, João Paulo Saraiva. Participação e satisfação de pais de crianças autistas com a escola: estudo exploratório. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 58, p. 283-296, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X22253>. Acesso em: 16/01/2025.

SANTOS, Régia Vidal; MAFRA, Jason Ferreira A inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: família e professores entre desafios, expectativas e possibilidades. **Cadernos de Pós-graduação**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 145-169, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v16n2.7603>. Acesso em: 18/01/2025.

SANTOS JUNIOR, Osmar Vieira dos; SANTOS, Aline Teixeira dos; GOMES, Luciene Leandro. Inclusão e desenvolvimento das crianças com transtorno do espectro autista (TEA) na educação infantil. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 13, n. 3, p. 25-38, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2021.66011>. Acesso em: 19/01/2025.

SILVA, Marcio Moreira da. Educação Especial na perspectiva Inclusiva: Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. **ID on line. Revista de psicologia**, Jaboatão dos Guararapes, v. 11, n. 35, p. 56-66, 2017. Disponível em : <https://doi.org/10.14295/online.v11i35.717>. Acesso em: 22/12/2024.

SILVA, Maria Daiane et al. O lúdico dos jogos e das brincadeiras no ensino inclusivo de crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 8, n. 4, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i4.943>. Acesso em: 18/11/2024.

SOUZA, Andia Cristina de; SILVA, Guilherme Henrique Gomes da. Incluir não é Apenas Socializar: as Contribuições das Tecnologias Digitais Educacionais para a Aprendizagem Matemática de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 33, n. 65, p. 1305-1330, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v33n65a16>. Acesso em: 14/01/2025.

SOUZA, Evaneyde dos Santos; FERRETE, Rodrigo Bozi. Jogo imagem e interação: uma prática educativa inclusiva. **Retratos da escola**, Brasília, DF, v. 14, n. 28, p. 223-240, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22420/rde.v14i28.1053>. Acesso em: 15/02/2025.

SOUZA, Sheila Carla de; LOUREIRO, Mariana Órfão. Conhecimentos necessários para professores que atuam com alunos com transtorno do espectro do autismo. **Brazilian Journal of Development**, São José dos Pinhais, v. 6, n. 5, p. 29102-29114, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n5-384>. Acesso em: 24/01/2025.

TEIXEIRA, Maira Cristina Souza; GANDA, Danielle Ribeiro. Inclusão e Autismo: relato de caso sobre o trabalho com uma criança na educação infantil. **Psicologia e Saúde em debate**, Patos de Minas, v. 5, n. 2, p. 125-135, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V5N2A9>. Acesso em: 25/01/2025.

TOGASHI, Claudia Miharú; WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. As contribuições do uso da comunicação alternativa no processo de inclusão escolar de um aluno com transtorno do espectro do autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, p. 351-366, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000300004>. Acesso em: 16/01/2025.

VARGAS, Rosanita Moschini; SCHMIDT, Carlo. Envolvimento parental e a inclusão de alunos com autismo. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 39, n. 2, p. 207-214, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v39i2.26423>. Acesso em: 19/01/2025.

VICARI, Luiza Pinheiro Leão; RAHME, Mônica Maria Farid. Escolarização de alunos com TEA: práticas educativas em uma rede pública de ensino. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 33, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X43296>. Acesso em: 28/01/2025.

VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

WEIZENMANN, Luana Stela et al. Inclusão de crianças com autismo: percepções de professores. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 13, n. 2, p. 75-91, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i2.4313>. Acesso em: 04/01/2025.

ZAUPA, Ana Beatriz Pinheiro et al. Desafios na inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro do autista (TEA) no município de Umuarama-PR durante a pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 8, p. e34911830826, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30826>. Acesso em: 29/01/2025.

Notas

ⁱ Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-escolar>. Acesso em: 27 fev. 2025.

ⁱⁱ Disponível em: <https://www.prisma-statement.org/>. Acesso em: 27 fev. 2025.

ⁱⁱⁱ Considerando as diretrizes da Revista Cocar em relação ao número de páginas dos artigos, não se torna possível apresentar a referência dos 111 artigos que compuseram o corpus da pesquisa; em razão disso, e levando ainda em conta os limites impostos a um artigo científico,

serão referenciados neste artigo apenas os estudos da revisão sistemática citados no decorrer das análises, cuja discussão contou unicamente com os artigos selecionados na Revisão Sistemática da Literatura.

^{iv} Como exposto na nota anterior, todas as referências da seção Resultados e Discussão são de artigos da Revisão Sistemática da Literatura realizada para esta pesquisa.

Sobre os autores

David Bastos Santos

Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Mestrando em Ciências, pelo Programa de Pós-Graduação em Clínica Médica, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP). Tem grande interesse na área da Educação Inclusiva, especialmente a respeito do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

E-mail: dbastos60@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4176-7289>

Ana Claudia Balieiro Lodi

Livre-docente em Educação (2017), pela Universidade de São Paulo (USP), e doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (2004), pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Associada I na Universidade de São Paulo, atuando no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) e nos Cursos de Licenciatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Departamento de Educação, Informação e Comunicação (FFCLRP/Dedic).

E-mail: analodi@ffclrp.usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7106-172X>

Recebido em: 13/03/2025

Aceito para publicação em: 14/04/2025